O PROCESSO DE MUMIFICAÇÃO NO EGITO ANTIGO: UMA ABORDAGEM PRÁTICA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Patrícia Cristiane Franco[1]
Rosana Nitsch Pinheito[2]

EFA - Centro de Educação Básica Francisco de Assis
Relato de Experiência
Ciências Humanas e suas Tecnologias

1. Introdução

O estudo do Egito Antigo no componente curricular de História, especialmente no 6º ano do Ensino Fundamental, costuma despertar grande curiosidade nos estudantes. Temas como faraós, pirâmides e, de modo particular, o processo de mumificação, habitam o imaginário infanto-juvenil. Contudo, a distância temporal e cultural muitas vezes torna a compreensão da religiosidade e das práticas mortuárias egípcias um desafio no ambiente escolar. O presente relato de experiência tem como objetivo apresentar e discutir os resultados de uma atividade prática de mumificação de uma maçã, desenvolvida para simular e concretizar o aprendizado sobre os ritos fúnebres egípcios, com os alunos do 6° ano do Centro de Educação Básica Francisco de Assis - EFA.

A justificativa para a implementação desta prática baseia-se na necessidade de transcender o ensino puramente expositivo. Como ressalta Pesavento (2005), a História deve ser compreendida não apenas através da racionalidade dos fatos, mas também por meio das "sensibilidades", permitindo que os sujeitos acessem o passado de maneira viva e significativa. Ao manipular materiais e observar um processo de transformação física ao longo do tempo, o estudante vivencia a história de forma empírica. Bittencourt (2004) corrobora essa visão ao defender metodologias que mobilizam diferentes linguagens e recursos didáticos no ensino de História,

[1]Professora de História da Educação Básica
[2]Professora de Arte da Educação Básica

estimulando a curiosidade e promovendo uma aprendizagem baseada no protagonismo.

2. Procedimentos Metodológico

A experiência foi conduzida com duas turmas de 6º ano do Ensino Fundamental e dividida em etapas complementares, articulando a base teórica com a experimentação. Inicialmente, o tema foi introduzido em sala de aula, nas aulas de história, por meio do livro didático, leituras de apoio, aulas expositivas dialógicas e a exibição de vídeos explicativos, abordando as crenças politeístas do Egito Antigo e a importância fundamental da preservação do corpo para a vida após a morte.

Para a etapa prática, solicitou-se previamente que cada estudante trouxesse para a aula uma maçã, um pote com tampa que acomodasse a fruta com folga, além de sal grosso e bicarbonato de sódio em quantidades iguais. A execução prática iniciou-se com a retomada visual do processo histórico original por meio de um curto vídeo. Em seguida, a professora, utilizando uma bacia, realizou a mistura do sal com o bicarbonato, explicando à turma que essa combinação simulava o "natrão", o sal natural abundante nas margens do Rio Nilo utilizado pelos egípcios antigos na desidratação dos corpos.

Com o auxílio de uma faca, simulou-se a etapa de "evisceração" (retirada dos órgãos) esculpindo uma feição (uma carinha) na superfície da maçã. Posteriormente, cada estudante forrou o fundo do seu respectivo pote com uma camada da mistura química, posicionou a maçã e a cobriu integralmente com o restante do produto. Os potes foram bem fechados e lacrados, permanecendo armazenados na escola por um período de 70 dias, período superior ao tempo de duração do processo de mumificação faraônico, porém, necessário ao clima que se fazia úmido e também em função do recesso escolar que atravessou o experimento.

Ao término desse prazo, os potes foram abertos em sala de aula. Os estudantes puderam observar e manusear a maçã completamente desidratada. A etapa final da experiência contou com uma importante abordagem interdisciplinar, envolvendo o componente de Arte. A maçã desidratada foi enfaixada com tiras de papel e cola, finalizando a "mumificação".

[1]Professora de História da Educação Básica
[2]Professora de Arte da Educação Básica

Na sequência, nas aulas de Arte, os estudantes foram provocados a exercer a imaginação histórica e a criação narrativa ao idealizarem a biografia fictícia de sua "maçã faraó". Compreendendo que no Egito Antigo as paredes das tumbas eram decoradas com cenas do cotidiano, feitos e rituais do falecido para acompanhá-lo na eternidade, cada aluno ilustrou a trajetória de sua própria maçã. Essas produções artísticas serviram de revestimento e decoração interna e externa para as tumbas de papelão. Por fim, sob a orientação da professora de Arte, os alunos confeccionaram os sarcófagos e estruturaram os túmulos, articulando elementos estéticos da iconografia egípcia com a identidade visual construída para a história de cada "maçã faraó".

A inclusão da narrativa visual nas aulas de Arte potencializou a apropriação dos conceitos estéticos e funerários da civilização egípcia. Ao transpor a função ritualística das pinturas tumulares, que no Antigo Egito cumpriam o papel de eternizar a memória e a identidade do morto, para o universo lúdico da "maçã faraó", os estudantes não apenas reproduziram uma técnica artística, mas atribuíram sentido simbólico às suas produções. A personalização dos sarcófagos e a representação das cenas cotidianas nas paredes de papelão demonstraram que a linguagem visual pode atuar como uma ferramenta de empatia histórica, permitindo que os alunos compreendessem a dimensão artística egípcia não como mero elemento decorativo, mas como parte indissociável de sua visão de mundo e de sua religiosidade.

3. Resultados e Discussões

A abertura dos potes após os 70 dias gerou grande surpresa e entusiasmo. O impacto visual perante a maçã desidratada e com seu aspecto escurecido e enrugado, serviu como um poderoso catalisador para a discussão sobre as técnicas milenares de conservação. Os estudantes compreenderam, na prática, a ação higroscópica da mistura de sal e bicarbonato, que retirou a umidade da fruta, inibindo a proliferação de microorganismos e impedindo a decomposição.

Essa observação materializou a crença religiosa egípcia estudada nas primeiras aulas: a estrita necessidade de preservar o corpo para garantir o retorno da alma. A associação entre o processo biológico e a finalidade religiosa ficou consolidada de forma muito mais clara do que seria possível apenas com recursos

[1]Professora de História da Educação Básica
[2]Professora de Arte da Educação Básica

textuais. Ademais, a atividade demonstrou o grande potencial formativo da interdisciplinaridade. O engajamento com a disciplina de Arte e a confecção dos sarcófagos expandiu a compreensão estética e simbólica do ritual mortuário, permitindo aos alunos vivenciarem o conhecimento de maneira global e integrada.

4. Conclusão

A simulação da mumificação utilizando uma maçã revelou-se uma estratégia metodológica altamente eficaz. A experiência conseguiu transpor o conhecimento sobre o Egito Antigo de um conceito distante para uma realidade tangível e memorável. Ao acompanhar as etapas históricas e respeitar o tempo de espera necessário para o processo químico, os estudantes desenvolveram paciência, capacidade de observação e raciocínio crítico. Conclui-se que o uso de atividades práticas no ensino de História atende perfeitamente à necessidade de estimular o protagonismo estudantil e as sensibilidades históricas, resultando em uma aprendizagem imersiva e repleta de sentido.

5. Referências

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **O ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVA, Marcos A. da (Coord.). **Repensando a História**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.

[1]Professora de História da Educação Básica
[2]Professora de Arte da Educação Básica